

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS  
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)  
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

**Yuri Groth dos Santos**

**ESTUDO SOBRE A REVOLTA DOS FARRAPOS:  
IMPACTOS GEOPOLÍTICOS E A ESSENCIAL ATUAÇÃO DE CAXIAS COMO  
PACIFICADOR DO CONFLITO**

**Resende  
2020**

Yuri Groth dos Santos

**ESTUDO SOBRE A REVOLTA DOS FARRAPOS:  
IMPACTOS GEOPOLÍTICOS E A ESSENCIAL ATUAÇÃO DE CAXIAS COMO  
PACIFICADOR DO CONFLITO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Coronel R/1 PTTC Claudio Magni Rodrigues

Resende  
2020

**Yuri Groth dos Santos**

**ESTUDO SOBRE A REVOLTA DOS FARRAPOS:  
IMPACTOS GEOPOLÍTICOS E A ESSENCIAL ATUAÇÃO DE CAXIAS COMO  
PACIFICADOR DO CONFLITO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ) como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020:

Banca Examinadora:

---

**Claudio Magni Rodrigues - Coronel R/1 PTTC**  
(Presidente/Orientador)

---

**Flávio Henrique do Nascimento - Major**

---

**Geraldo Gomes de Mattos Neto - Major**

Resende  
2020

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me proporcionou estrutura para o prosseguimento na vida acadêmica e, também, aos meus pais por terem sempre me apoiado em todas as decisões que tomei.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me dado a oportunidade de ingressar na Academia Militar das Agulhas Negras, dessa maneira podendo concluir meu sonho de infância, me tornar Oficial do Exército Brasileiro.

Agradeço também à minha família, que foi a base de tudo que almejei e conquistei até o presente momento. Sem esse apoio incondicional nada teria sido possível.

Ao meu orientador, por despender parte do seu tempo para corrigir, revisar e orientar este trabalho científico, sempre de maneira atenciosa, exaltando o gosto pela profissão.

## RESUMO

### **ESTUDO SOBRE A REVOLTA DOS FARRAPOS: IMPACTOS GEOPOLÍTICOS E A ESSENCIAL ATUAÇÃO DE CAXIAS COMO PACIFICADOR DO CONFLITO**

AUTOR: Yuri Groth dos Santos  
ORIENTADOR: Claudio Magni Rodrigues

A Revolução Farroupilha foi um movimento ocorrido no Rio Grande do Sul, devido a oposições de ideologias entre o Império e grupos políticos sulinos. Caracteriza-se por ser um conflito importante para a História Militar Terrestre pelo funcionamento de um Estado Republicano dentro do Império, e também, por ser um palco de conflitos estratégicos, no qual ambos os lados puderam investir na melhoria de suas formas de combater. O propósito deste estudo é evidenciar as contribuições que o conflito teve para com a evolução da arte da guerra e para a doutrina militar, utilizando como base pesquisas bibliográfica-documentais de diferentes autores. Procura também delinear os sentimentos que nortearam a revolução, desmistificando conceitos atinentes à essência do movimento, e organizar o conflito através da consolidação de suas fases, para uma melhor análise. Busca, ainda, comparar as estratégias utilizadas pelo General João Paulo dos Santos Barreto e por Duque de Caxias, observando as peculiaridades quanto ao sucesso ou ao fracasso do momento referente. Objetiva também a associação de situações da guerra com Teorias Clássicas da Geopolítica, buscando explicar os motivos dos acontecimentos. Por fim, ressalta-se a participação decisiva de Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, não só como líder imperial, mas também como pacificador. Com esta pesquisa foi possível demonstrar a importância do movimento para a história política e militar do Brasil, assim como para a evolução da doutrina militar do Exército Brasileiro.

**Palavras-chave:** Revolução Farroupilha. Rio Grande do Sul. Duque de Caxias.

## ABSTRACT

### **STUDY ON THE FARRAPOS REVOLT: IMPACTS FOR NATIONAL SOVEREIGNTY AND THE ESSENTIAL ACTION OF CAXIAS AS A CONFLICT PACIFIER**

AUTHOR: Yuri Groth dos Santos  
ADVISOR: Claudio Magni Rodrigues

The Farroupilha Revolution was a movement that took place in Rio Grande do Sul, due to oppositions of ideologies between the Empire and southern political groups. It is characterized for being an important conflict for the Terrestrial Military History for the functioning of a Republican State within the Empire, and also, for being a stage of strategic conflicts, in which both sides were able to invest in the improvement of their ways of fighting. The purpose of this study is to highlight the contributions that the conflict had to the evolution of the art of war and to military doctrine, using bibliographical and documentary research from different authors as a basis. It also seeks to outline the sentiments that guided the revolution, demystifying concepts related to the essence of the movement, and to organize the conflict through the consolidation of its phases, for a better analysis. It also seeks to compare the strategies used by General João Paulo dos Santos Barreto and Duque de Caxias, observing the peculiarities regarding the success or failure of the moment in question. It also aims at associating war situations with Classical Theories of Geopolitics, seeking to explain the reasons for the events. Finally, we highlight the decisive participation of Luis Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, not only as an imperial leader, but also as a peacemaker. With this research it was possible to demonstrate the importance of the movement for the political and military history of Brazil, as well as for the evolution of the military doctrine of the Brazilian Army.

**Keywords:** Farroupilha Revolution. Rio Grande do Sul. Duque de Caxias.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Avanço da tropa farroupilha.....	10
Figura 2 – Proclamação da República Rio-Grandense.....	16
Figura 3 – Mapa do Rio Grande do Sul.....	20
Figura 4 – Lanceiro Negro.....	22



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>11</b>
1.1.1	Objetivo geral.....	11
1.1.2	Objetivos específicos.....	11
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>ANTECEDENTES HISTÓRICOS E CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESSÊNCIA DO MOVIMENTO .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>FASEAMENTO DA REVOLUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
2.2.1	1ª Fase – Vitória da Revolução (20 de setembro de 1835 – 15 de janeiro de 1836) .....	15
2.2.2	2ª Fase – República Riograndense proclamada e instalada é obrigada a emigrar (15 de janeiro de 1836 – 28 de março de 1837).....	15
2.2.3	3ª Fase – Retorno da República do Uruguai para viver sua fase áurea (28 de março de 1837 – 18 de julho de 1839).....	17
2.2.4	4ª Fase – Declínio da República Riograndense (18 de julho de 1839 – dezembro de 1842).....	18
2.2.5	5ª Fase – A Pacificação do Rio Grande do Sul: a Ação de Caxias (9 de novembro de 1842 – 1º de março de 1845) .....	19
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL METODOLÓGICO.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1</b>	<b>TIPO DE PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
<b>3.2</b>	<b>MÉTODOS.....</b>	<b>24</b>
<b>4.</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>26</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
	<b>REFERÊNCIAS.. .....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A formação do oficial da Linha de Ensino Militar Bélica na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) proporciona uma cooperação de diversas partes do conhecimento de modo a desenvolver habilidades cognitivas que sejam decisivas no campo de batalha. O conhecimento estratégico do oficial é pautado não só no estudo das concepções estratégicas modernas, mas também em ações e acontecimentos bélicos marcantes que foram deixados na história, importantes ensinamentos objetivando uma evolução constante da Doutrina, incentivando o aprimoramento técnico-profissional dos militares por meio do estudo da História Militar.

Um desses embates históricos foi a Revolta (Guerra) dos Farrapos ou Revolução Farroupilha, ocorrida entre 20 de setembro de 1835 e 01 de março de 1845, no Rio Grande do Sul. O Brasil, ainda um império, encontrava-se politicamente instável, sem uma cultura e identidade única. Dessa forma, a população brasileira começava a adotar posições contrárias às do governo. A mencionada guerra influenciou diversos movimentos de caráter liberal em outras localidades do país e constitui-se no conflito mais duradouro do período. Vale ressaltar o grande impacto geopolítico do conflito, visto que confrontou forças ideológicas divergentes em um espaço geográfico considerável do Império, inclusive quanto a confrontos extra-fronteiriços posteriores.

Dessa maneira, torna-se possível a problematização do assunto: quais foram os ensinamentos que a revolta legou para a evolução da Arte da Guerra, no âmbito do Exército Brasileiro? Ademais, vale ressaltar a participação de figuras militares importantes para o desenvolvimento da identidade do Exército Brasileiro, dentre elas, o Marechal Luís Alves de Lima e Silva, o conhecido e respeitado Duque de Caxias, que foi um dos principais responsáveis pelo desfecho e negociações para a paz do conflito.

Existem ainda outras questões de estudos que podem ser apontadas, pois revelam a preocupação com a atualização estratégica inerente ao militar, tais como: a comparação de linhas de estratégias que foram eficientes contra os rebeldes e a importância do Duque de Caxias como pacificador do conflito. Tendo em vista que a experiência no campo de batalha não pode ser vivenciada em sala de aula, o registro histórico torna-se a única fonte responsável por transmitir tais situações, de modo a repassar conhecimentos que a teoria não prevê ou não aborda com veracidade. Este trabalho busca a compactação histórica da importância dessa guerra para o futuro das Forças Armadas quanto ao combate moderno, validando assim teorias estratégicas e tomando os erros como ensinamentos para combates

futuros. Ademais, também busca subsídios para aprimorar a formação do oficial formado na AMAN, objetivando o enriquecimento do arcabouço intelectual do militar.

Vale lembrar que a Revolução Farroupilha foi um laboratório de técnicas, táticas e estratégias militares no Sul e, mais do que isto, foi uma escola de formação de líderes de combate, que após combaterem em um campo oposto por quase 10 anos, como republicanos farrapos e imperiais, se irmanaram na defesa do Brasil nas guerras externas contra Oribe e Rosas 1851-52 e na do Paraguai 1865-70. Disto é que decorre a importância e até relevância profissional militar do seu estudo com vistas ao desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre do Brasil com progressivos índices de nacionalização. (BENTO, 1992, p.7).

A justificativa do trabalho baseia-se no aprimoramento da doutrinação estratégica do Exército Brasileiro, em especial aos futuros oficiais da Linha Militar Bélica da AMAN, referente aos combates acontecidos no Sul do país, contemplando todas suas particularidades, métodos e procedimentos. O militar deve estar apto para atuar nas diversas áreas e regiões do país de modo a empregar os meios disponíveis a seu favor, objetivando o êxito nas missões.

Enfim, vale salientar a memorável conduta de nosso patrono, Duque de Caxias, no desenvolvimento do conflito, não se tratando apenas do aspecto militar estratégico, mas também da logística, da vida pessoal e do tato com a população. Essas são condutas que devem ser exaltadas como exemplo para todos os membros dessa gloriosa instituição.

Figura 1: Avanço da tropa farroupilha



Fonte: CARRION (2014)

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo geral**

O Objetivo Geral desta pesquisa é estudar a Revolução Farroupilha evidenciando os principais impactos Geopolíticos através do faseamento do conflito. Abordam-se com destaque os principais ensinamentos providos pela Revolução para com o engrandecimento do arcabouço doutrinário estratégico do Exército Brasileiro.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

Esclarecer a essência da Revolução Farroupilha como um movimento separatista ou libertário do povo riograndense;

Estudar o faseamento da Revolução Farroupilha e suas contribuições para a evolução da Arte da Guerra;

Demonstrar a influência da Geopolítica no contexto da Revolução;

Demonstrar a importância de Caxias como pacificador do conflito.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS E CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESSÊNCIA DO MOVIMENTO

A Revolução Farroupilha integra os movimentos liberais que aconteceram no período regencial e classifica-se como uma revolução por ter imposto uma mudança na forma de governo. (FLORES, 2014, p.39).

Pela primeira vez no Brasil instituiu-se de fato um governo republicano, de 1836 a 1845, abrangendo a província do Rio Grande do Sul, além de Lajes e Laguna em Santa Catarina, mas como brasileiros lutaram contra brasileiros o correto é guerra civil, com o objetivo de adotar a forma republicana. (FLORES, 2014, p.39).

O liberalismo baseava-se na ideia dos povos livres unirem-se em federação, de modo que existisse um governo central que conduzisse o Estado de maneira uniforme. Acreditava que a constituição e o Poder Legislativo mais forte era o método de garantir a liberdade e o desenvolvimento nacional, eram contra o absolutismo monarquista vigente no cenário da época. (FLORES, 2014, p.40).

À época do conflito a monarquia era unitária e centralizada, prevista pela Constituição de 1824. Outrossim, era liderada e influenciada pela classe dominante do país, os grandes proprietários escravistas do Vale do Paraíba, produtores de café, que, devido à ascensão do produto no início do século XIX, veio a ser a principal exportação do Brasil. (CARRION, 2014, p.9).

Desde o período colonial houve uma forte política autoritária de Portugal em relação ao Brasil. O legislativo e judiciário quase inoperantes fizeram com que o brasileiro não viesse a desenvolver uma identidade nacional, como fizeram os norte-americanos, contrariando os princípios liberais para a instalação de um regime mais igualitário para todos. (FLORES, 2014, p.41).

A divisão de classes políticas concentrava-se nos liberais moderados que se ramificavam em moderados monarquistas e moderados republicanos, liderados por Bento Gonçalves da Silva e Manuel Luís Osório, respectivamente. Os farroupilhas classificavam-se como liberais exaltados, chefiados por Marciano Pereira Ribeiro. Eram liderados por grandes estancieiros e oficiais do Exército da Guarda Nacional, logo, seu nome não era concebido devido às condições financeiras de seus membros. (FLORES, 2014, p.39).

No Rio Grande do Sul a economia era baseada na pecuária extensiva, principalmente voltada para a produção de charque objetivando a alimentação dos escravos africanos do país.

Dessa maneira, era vista como uma economia periférica, subsidiária da economia de exportação, origem do verdadeiro lucro dos grandes produtores. (CARRION, 2014, p.9).

As oposições políticas e preferencias econômicas do governo imperial para com o Rio Grande do Sul acabavam por criar insatisfações ao povo riograndense e principalmente, aos grandes estancieiros. “A oposição riograndense reclamava que os governantes estaduais eram incompetentes e desinteressados em resolver problemas sérios como os de impostos, estradas e escolas.”. (HARTMANN, 2002, p. 25).

Notava-se que a centralização da monarquia acabava prejudicando as províncias referentes ao desenvolvimento dos diversos setores, fazendo com que se proliferassem outras ideologias no contexto sulino. (HARTMANN, 2002, p. 25). Da mesma forma, no ramo econômico, destacava-se o descaso com as peculiaridades dos produtos comercializados no sul do país:

O Governo do Império, no entanto, passou a taxar o produto sulino ao mesmo tempo em que facilitava a entrada do produto do Uruguai como forma de torna-lo um aliado contra a Argentina. Criou-se um imposto de 20% sobre a exportação do couro gaúcho para as outras províncias. Desta forma as charqueadas e estâncias gaúchas foram grandemente prejudicadas. Outro esdrúxulo imposto incidia sobre os “chapeados de prata”, ou seja, os avios usados pelo homem do campo em sua indumentária (faca, cinto, etc.) ou em seus arreios. (HARTMANN, 2002, p.26).

Por outro lado, analisa-se a distância da capital imperial, sendo necessário um esforço extremo para o comércio dos produtos, isso tudo era dificultado pela inexistência ou ineficácia de transportes terrestres, tornando o contato comercial do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro extenuante e complicado. (HARTMANN, 2002, p.26). Cada vez mais, portanto, preferia-se o comércio com os países fronteiriços que demandavam menos esforços e mais lucros.

Outro episódio que gerou grande insatisfação não só para o Rio Grande do Sul, mas para o Brasil inteiro foi à derrota do Império na Guerra da Cisplatina (1825 a 1828). Além da grande perda de pessoal e a devastação econômica resultante, o fato da guerra não ter sido comandada por um gaúcho feriu o brio da população sulista, acreditava-se que tal situação não teria o desfecho citado se o comandante fosse conhecedor das peculiaridades e particularidades do combate nas coxilhas, com habilidades para manobrar as tropas nos combates típicos do Rio Grande do Sul. (CARRION, 2014, p.7).

Ressalte-se que a perda da Província Cisplatina significou a perda do acesso dos charqueadores riograndenses ao gado uruguaio, que passou a ser carreado para os “saladeros” platinos, os quais – passados os distúrbios da luta pela independência – se fortaleceram e passaram a concorrer em condições vantajosas com a produção local. Se a isso somarmos o fato de que o charque oriundo do Rio Grande do Sul pagava um imposto de 20%, enquanto o charque platino pagava apenas 4%, teremos

a dimensão das contradições que se avolumavam entre os fazendeiros gaúchos e o Império, expressos através de um difuso sentimento de “opressão do Rio Grande do Sul pelo Rio de Janeiro”. (CARRION, 2014, p.8).

Um fato a ser considerado nesse processo de insatisfação frente ao governo imperial é o alinhamento com os ideários tanto da República Argentina, que fazia fronteira a oeste, quanto na fronteira sul com a República Cisplatina. (HARTMANN, 2002, p.26).

Ambos os países faziam tradição com seus caudilhos e chefes locais, ligados aos riograndenses por parentesco, compadrio ou negócios e é fácil de aceitar que, em se tratando de conversas sobre política, os vizinhos mostrassem as vantagens da república com suas bandeiras de igualdade, liberdade e fraternidade trazidas da Revolução Francesa para fazer todos os homens iguais, com os mesmos direitos, daí advindo o progresso econômico, ao contrário da forma monárquica que criava castas e dinastias mais afeitas ao luxo, garantido pelos impostos dos que produziam, do que ao trabalho. (HARTMANN, 2002, p.26).

Tais repúblicas eram criadas pelas espadas de Bolívar e San Martín, trazendo a tona o ideário de igualdade entre os homens e expulsando os espanhóis da América Latina. Os riograndenses eram influenciados a seguir atitudes de cunho similar perante a monarquia brasileira, liderada por um príncipe português. (HARTMANN, 2002, p.26).

Uma importante característica do povo que criava suas raízes no sul do país é o seu constante contato com conflitos, saqueadores e batalhas. Ou seja, os gaúchos deveriam estar sempre de prontidão caso suas terras, produtos ou família fossem ameaçados. A comparação de Ivar Hartmann entende o povo gaúcho com a mesma simbiose do cidadão-soldado da Grécia Antiga, devido à fronteira de luta permanente ao qual estavam localizados. (HARTMANN, 2002, p.27).

O povo gaúcho estava sempre pronto para o combate, guerreiros que conheciam as peculiaridades dos combates em climas extenuantes e tinham o conhecimento para usar o terreno a seu favor. O chamado para o combate era o aviso para o cumprimento de um serviço militar, ao qual se integravam em um sistema hierárquico mínimo, mas existente. (HARTMANN, 2002, p.27).

Os liberais riograndenses acreditavam que os sistemas de leis brasileiras eram baseados no arbítrio das autoridades, e não nas necessidades da população, portanto, somente uma revolução permitiria a mudança necessária para acabar com o despotismo. (FLORES, 2014, p.41).

## **2.2 FASEAMENTO DA REVOLUÇÃO**

A seguinte divisão foi concebida pelo Coronel Claudio Moreira Bento em sua obra “O Exército e seus Chefes”, de forma a elucidar didaticamente a sequencia das ações do conflito sulino.

### **2.2.1 1ª Fase – Vitória da Revolução (20 de setembro de 1835 – 15 de janeiro de 1836)**

“Constitui na tomada de posse pelos revolucionários de Porto Alegre, em 20 de setembro de 1835, seguida no mês de outubro, de diversas ações para superar reações (...)”. (BENTO, 1992, p.6).

No final do mês de setembro, o quadro estratégico era favorável aos revolucionários. O presidente da província deposto encaminhou-se ao Rio de Janeiro e as principais lideranças militares contra a revolução haviam sido eliminadas ou procuraram abrigo em outros países. Ficando assim, o controle do Rio Grande do Sul para os farrapos, inclusive cidades estratégicas como Porto Alegre, Pelotas e Rio Pardo, através da liderança de Bento Gonçalves. (BENTO, 1992, p.6).

### **2.2.2 2ª Fase – República Riograndense proclamada e instalada é obrigada a imigrar (15 de janeiro de 1836 – 28 de março de 1837)**

“Com a nomeação do novo Presidente da Província, Dr. Araújo Ribeiro, pelo governo Central, esta autoridade assumiu o governo na cidade de Rio Grande, em 15 de janeiro de 1836 (...)”. (BENTO, 1992, p.7).

Araújo Ribeiro apresentou-se em Porto Alegre em 8 de dezembro, mas a Assembleia Provincial, que não confiava nele, não lhe deu posse. Dirigiu-se então a Rio Grande e assumiu o governo perante a Câmara Municipal, em 15 de janeiro. A Assembleia resolveu romper em definitivo com Araújo Ribeiro e elegeu Cabral de Melo. Muitos legalistas solidarizaram-se com Araújo Ribeiro, entre eles o Comandante das Armas interino. (SAVIAN, 2014, p.148).

O novo presidente, além de ter inimizades desde que assumiu o governo, não concedeu o indulto para os rebeldes, fazendo com que afluísse ainda mais o descontentamento entre ambas as partes. (BENTO, 1992, p.7).

Por conseguinte, havia uma intensa preparação para a guerra, havendo o estudo, de ambos os lados, para o início de ataques. A cidade de Rio Grande era um ponto estratégico que serviu para o governo, no Rio, introduzir, via marítima, importantes reforços militares



terrestres e navais, para consolidar aquela posição e combater, a partir dela, a Revolução. (BENTO, 1992, p.7).

Bento Gonçalves, líder revolucionário, e Bento Manuel, da força legalista, conduziram o conflito durante essa fase.

Desejando restringir a atividade de Bento Gonçalves, Bento Manuel lançou se contra ele. Foi, no entanto, obrigado a se retirar, porque o líder farroupilha estava em boa posição. Apesar disso, a situação foi-se tornando cada vez pior para Bento Gonçalves. Vendo-se ameaçado de isolamento e sentindo a necessidade de juntar-se aos companheiros, resolveu voltar para a campanha e, na noite de 18 para 19 de setembro, iniciou o deslocamento. No dia 2 de outubro ocupou o morro do Fanfa, na margem direita do rio Jacuí, e a ilha do Fanfa, no mesmo rio. (SAVIAN, 2014, p.149).

“Bento Manuel, que tinha indiscutível tino guerreiro, pressentiu a manobra e decidiu mover suas tropas, utilizando o transporte fluvial pelo Jacuí. E desembarcou em Triunfo e logrou isolar Bento Gonçalves na ilha do Fanfa (...).” (SAVIAN, 2014, p.150).

Bento Gonçalves após analisar a situação percebeu que a derrota momentânea era inevitável, para poupar maiores sacrifícios para com sua tropa acabou se rendendo, foi levado para Porto Alegre e depois transferido para o Rio de Janeiro. (SAVIAN, 2014, p.150).

O quadro estratégico-operacional até o momento estava conturbado, porém, mesmo nessa situação, proclamou-se a República Riograndense (na cidade de Campo de Menezes), reconhecida pela Câmara de Jaguarão e a seguir pela de Piratini. (BENTO, 1992, p.8).

Figura 2: Proclamação da República Rio-Grandense



Fonte: FLORES (2014)

Com a derrota de Fanfa, esfacelaram-se as forças de Bento Gonçalves. Por isso Bento Manuel tratou de ir ao encontro de outro agrupamento de revolucionários, mais ao sul. Liberou a Guarda Nacional e dirigiu-se com 600 homens para Caçapava. De lá prosseguiu novamente para o sul. Os rebeldes também se movimentaram, tornando a situação ambígua: tentativas de combates, esquivas e ou acordos. A situação militar tornara-se vantajosa para o Império. Os dois principais grupamentos farroupilhas tinham sido neutralizados: Bento Gonçalves tinha sido preso e Antonio Neto internara-se no Uruguai. (SAVIAN, 2014, p.150).

### **2.2.3 3ª Fase – Retorno da República do Uruguai para viver sua fase áurea (28 de março de 1837 – 18 de julho de 1839)**

Após um período de pausa nas batalhas devido as principais lideranças revolucionárias estarem ausentes dos campos de batalhas, os republicanos então retornaram ao Rio Grande. Restabeleceram a capital em Piratini, conquistaram Caçapava em 8 de abril de 1837 e colocaram sob sítio em 13 de maio de 1837, a capital Porto Alegre. (BENTO, 1992, p.9).

Os republicanos ao colocarem Porto Alegre sob sítio terrestre objetivavam estrategicamente, segundo interpreto:

- 1- Fixar importantes efetivos na capital.
- 2- Impedir apoio mútuo terrestre, Rio Grande-Porto Alegre.
- 3- Impedir envio reforços terrestre de Rio Grande a Porto Alegre, pelo litoral, ou a partir de Santa Catarina.
- 4- Impedir expansão de pontos fortes terrestres, com apoio naval, ao longo do Jacuí e seus afluentes, assegurando, assim, a livre circulação e comunicações republicanas no interior do Rio Grande e, em particular de Porto Alegre com a Campanha e Missões.
- 5- Melhor realizar a espionagem dentro dos muros da sitiada Porto Alegre, através de agentes republicanos infiltrados.
- 6- Assegurar, ali, a articulação da Campanha com a região serrana (Cima da Serra) e, em decorrência, com Santa Catarina e São Paulo, por terra. (BENTO, 1992, p.10).

O Exército e a Marinha imperiais encontravam-se distribuídos no teatro operacional de modo a limitar a extensão de ação dos revolucionários. O Exército, especificamente, guarnecia Porto Alegre e Rio Grande. A força naval também reforçava a região. Ainda, a Guarda Nacional encontrava-se na serra para prevenir ataques surpresa ou fustigações. Até o presente momento o efetivo das forças do Império era o dobro dos rebeldes. (SAVIAN, 2014, p.151).

A guerra civil durava já cerca de três anos e meio, sem esperança de conclusão. Nem os rebeldes venciam, nem os legalistas logravam dominá-los. O Governo Imperial mantinha a posse da capital da Província, da cidade de Rio Grande e das regiões circunvizinhas. Assegurava também a livre navegação entre elas pela Lagoa dos Patos e preservava a ligação com o exterior, via marítima, por Rio Grande. (SAVIAN, 2014, p.151).

A capital riograndense era um ponto de honra, além de estratégico para os revolucionários, procuraram conquistá-la a qualquer preço e não obtiveram êxito. Também tentaram interceptar a via marítima pela Lagoa dos Patos, de controle imperial, através do italiano Giuseppe Garibaldi, comissionado pelos farroupilhas. (SAVIAN, 2014, p.151).

A 3ª Fase do conflito findou-se com a preparação para a expedição em Laguna, objetivando a conquista de um porto de mar, chefiado pelo próprio Garibaldi, como comandante da Marinha Farroupilha. (BENTO, 1992, p.10).

#### 2.2.4 4ª Fase – Declínio da República Riograndense (18 de julho de 1839 – dezembro de 1842)

Invasão de Santa Catarina por mar sob o comando de José Garibaldi, por terra sob comando de Davi Canabarro com uma coluna avançando pelo litoral e outra sob a chefia do cel. Capote descendo de Lajes. As forças fazem junção ao sul de Laguna. Em 20 de julho Garibaldi entra pelo rio Tubarão e entre 21 e 22 combate e aprisa com o Seival 6 navios imperiais abrindo caminho para Canabarro entrar em Laguna onde, a 29 de julho se proclama a República Juliana confederada a República Rio grandense. Para consolidá-la os farrapos avançam rumo norte até as fortificações imperiais de Morro dos Cavalos, próximo a Florianópolis. O império reage e envia novas tropas e navios ao sul. Os farrapos começam a recuar ante a pressão de forças maiores e melhor armadas. São derrotados no combate naval de Imbituba e em novembro, 13 navios imperiais derrotam os 3 navios de Garibaldi enquanto um exército de 2.600 homens ataca Laguna enfrentando as forças menores de Canabarro que evacua a cidade recuando para Torres. O cel. Teixeira Nunes com outra coluna e os remanescentes da marinha farroupilha seguem para Lages. Em dezembro a coluna do Cel. Teixeira Nunes derrota no passo da Vitória, no rio Pelotas a chamada Coluna Paulista enviada pelo Império, para, pelo Centro do país atacar a República. (HARTMANN, 2002, p.67).

Os reflexos negativos e o desgaste com a guerra começavam a transparecer. Emerge então, o desejo, pelos imperiais, do desfecho do conflito. O primeiro objetivo seria o de terminar com o sítio republicano a Porto Alegre, o que ocorreu devido às ações estratégicas efetuadas pelos generais no comando do Império. (HARTMANN, 2002, p.68).

O General Soares Andréa (o qual assumiu a presidência de Rio Grande, pelo Império), através da coordenação de forças navais e terrestres tentou cercar os republicanos que a sitiavam, em torno de Porto Alegre. (BENTO, 1992, p.14).

Lançou contra eles, a partir de Santa Catarina, uma Divisão ao comando do General Pedro Labatut (...). Assim Porto Alegre serviria de bigorna e a Divisão Labatut de martelo. Em Taquari, interposto entre Porto Alegre e a Campanha, Andréa deixou forte efetivo destinado a cortar a retirada dos sitiados de Porto Alegre (...). Para fugir à armadilha, Canabarro e Bento Gonçalves, sucessivamente deixaram o sítio em Porto Alegre e marcharam para Cima da Serra, ao encontro de Labatut, visando também atingir a Campanha, por um amplo movimento desbordante, **que foi o mais épico feito terrestre farrapo** (...) (grifo nosso). (BENTO, 1992, p.14).

“Eles anularam a manobra de Labatut, conseguiram atingir a Campanha, por Santa Maria, desbordando Taquari. Mas enfraqueceram o sítio de Porto Alegre que foi levantado sem esforço.”. (BENTO, 1992, p.14).

Nesse momento cabe a ênfase para o exímio quadro estratégico que ocorria na região. As cavalhadas efetuadas pelo exército revolucionário continham uma capacidade de movimentação notável, o que dificultava o combate frontal do Exército Imperial. Tal característica também possibilitava às tropas rebeldes alterar repentinamente a manobra, de acordo com a situação tática exigida, como foi visto no episódio acima retratado. Denota-se a experiência no combate sulista dos comandantes, ao saber que mesmo retirando as forças do

sítio, teria capacidade de enfrentar toda uma Divisão, com o efetivo menor, somente com a capacidade de atuar de maneira mais eficaz no terreno. (BENTO, 1992, p.14).

Por outro lado, denota-se o sacrifício momentâneo do Império em perder uma batalha, porém conquistar um ponto estratégico que seria indispensável para a vitória na guerra, em prol do Exército Imperial. (BENTO, 1992, p.14).

Dessa maneira, consolidando um avanço estratégico para as tropas imperiais, mesmo com a derrota da Divisão de Labatut. Segundo Bento (1992, p.14), a partir dessa vitória, as forças terrestres imperiais, com apoio naval, foram se espalhando e se fixando em pontos fortes.

Devido à instabilidade aparente das tropas revolucionárias, a Corte imperial entendeu que o momento de um ataque fulminante para aproximar-se do desfecho do conflito necessitaria ser executado. Para isso sucedeu o seguinte episódio:

O general João Paulo dos Santos Barreto, agora o comandante imperial, concentrou seu exército, forte 5.000 homens, na região de Cachoeira (Passo São Lourenço). Sua estratégia era penetrar na Campanha e procurar travar uma batalha campal com os republicanos. E, assim, procedeu uma longa marcha pela Campanha, de 4 de março-13 de junho de 1841, ao longo da qual sofreu uma guerra de desgaste ou de recursos, eufemismo da guerra de guerrilhas. Chegou ao final, na estância do Carmo, margem direita de Ibicuí, em 31 de julho de 1841, destituído do comando, com a Cavalaria quase a pé, a Infantaria extenuada e desfalcada pela peste, disenteria e deserções. Enquanto acreditava estarem os republicanos fugindo de um combate decisivo, estes estavam desenvolvendo uma guerra de guerrilhas típica da área chamada então, repito – guerra de recursos. (BENTO, 1992, p.14).

Após o episódio fracassado capitaneado pela Corte Imperial, o quadro estratégico do conflito não foi alterado. Por parte do Império procurou-se estabilizar o setor logístico, já um pouco prejudicado pela longa duração da guerra e os eventos que tinham ocorrido. (BENTO, 1992, p.15). Essa fase termina com a ascensão de Caxias, como presidente da Província e, também, Comandante-das-Armas em 9 de novembro de 1842.

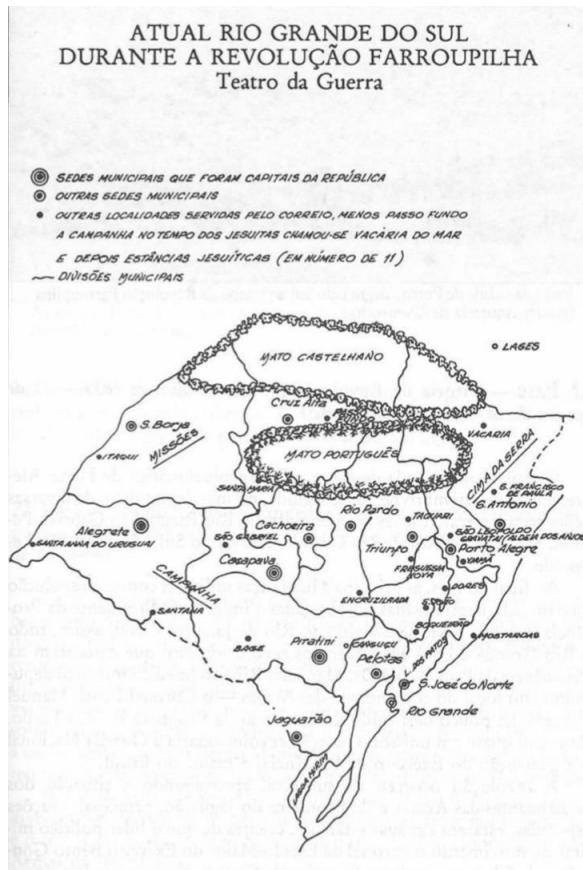
### **2.2.5 5ª Fase – A Pacificação do Rio Grande do Sul: a Ação de Caxias (9 de novembro de 1842 – 1º de março de 1845)**

O quadro operacional e estratégico que Caxias encontrou diante de si:

A tropa imperial, forte de 11.500 homens, mantinha grandes efetivos no corte de São Gonçalo, face a Pelotas e, em Porto Alegre e Rio Pardo. O grosso do Exército acampava no estratégico Passo de São Lourenço, no rio Jacuí, a montante de Cachoeira do Sul. (...) O grosso do Exército estava desmontado, mas refeito logisticamente da desgastante expedição do General João Paulo. A Marinha exercia pleno domínio das águas navegáveis do Rio Grande: Lagoa dos Patos e Mirim e Rio Jacuí, etc. (BENTO, 1992, p.15).

Os republicanos dominavam a Campanha e as Missões com cerca de 3.500 homens. Estavam com o controle de quase todas as cavalhadas da Província e fechavam as fronteiras do Uruguai e da Argentina ao recebimento de cavalos pelo Exército Imperial. (BENTO, 1992, p.15).

Figura 3: Mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: BENTO (1992)

Caxias, como os outros chefes imperiais do Exército, concebia o plano de canalizar os rebeldes para uma batalha decisiva, explorando sua posição favorável quanto a recursos humanos e materiais. Seu plano era o de explorar o teatro de operações, dando ênfase na grande movimentação das tropas. (HARTMANN, 2002, p.69).

Ocorreu a ocupação progressiva das cidades com tropas de infantaria e os campos com tropas de cavalaria, não dando espaço para que houvesse resistência da tropa rebelde. Caxias utilizava de estratégias que visavam retirar a visão do Império como uma tropa cruel e impetuosa, punia severamente os soldados imperiais que estuprassem as mulheres rebeldes, distribuía alimentos e tecidos para ambos os lados. Dessa maneira, Caxias conquistava as simpatias do povo sulino. (FLORES, 2014, p.103).

Por outro lado, os republicanos, sabendo da inferioridade numérica, preferiam uma guerra de desgaste, com fustigações: a chamada guerrilha. Conhecedores do terreno e do combate sulino sabiam como ascender nas batalhas diante das particularidades do terreno, vegetação e clima. Utilizavam geralmente de efetivos menores, com ataques de grande mobilidade, retirando-se antes do grosso do Exército imperial chegar para combater. (HARTMANN, 2002, p.69).

Desta forma Caxias faz uma longa e cansativa marcha de Cachoeira a Livramento sem encontrar adversário. Em abril em São Gabriel e em maio de Ponche Verde, quando os fatores eram propícios, os farrapos enfrentam seus soldados e suas tropas são derrotadas pelos republicanos em rápidas manobras de ataque. (HARTMANN, 2002, p.69).

A partir desse momento, Caxias utilizou-se de um direcionamento psicológico para lidar com as derrotas na guerra. Falseou todos os informes que eram enviados a Corte, mascarando os números e as perdas materiais. (HARTMANN, 2002, p.69).

Caxias adotou uma postura ofensiva, mesmo diante do inverno rigoroso que pairava sobre os pampas riograndenses. O estrategista militar achava que em algum momento acharia o grosso do exército republicano, porém, não sabia que durante o inverno foi dada a ordem para que os rebeldes se retirassem para suas casas, a fim de recuperar forças para um novo ataque. Além disso, essa prática era comum e a grande mobilidade revolucionária permitia tal prática. (HARTMANN, 2002, p.69).

O final do ano de 1843 não teve resultados expressivos, nem combates decisivos:

Com a primavera reinicia-se a luta sem resultados definitivos. Seguidas correspondências de Caxias ao Ministro da Guerra buscam justificar a enorme despesa que seu poderoso exército acarretava para o Tesouro Nacional. Até o final do ano a tônica são os pequenos combates, com ataques de surpreendidos farrapos sem que Caxias possa fazer valer a força numérica de seu exército. Passados mais de um ano de sua presença no sul, o Partido Liberal cobrava do Governo Imperial informações sobre o desenrolar da guerra que nunca terminava, malgrado os enormes recursos humanos e materiais enviados e não obstante as promessas oficiais de pronto cessar das hostilidades. (HARTMANN, 2002, p.70).

Em 1844, Bento Gonçalves iniciou as conversações de paz com Duque de Caxias, seu maior desejo era que fosse imposto um sistema de federação e a liberdade para os escravos que lutaram nas tropas republicanas. Porém, o Brasil ainda era unitário, com o poder centralizado na corte e, além disso, havia uma ordem para levar os negros ao Rio de Janeiro, para evitar que houvesse uma revolução a fim de ganhar liberdade. Dessa maneira, Caxias não pode aceitar as propostas de Bento Gonçalves. (FLORES, 2014, p.103).

Continua a guerra de guerrilhas dos farrapos. Os republicanos atacam as colunas menores do exército imperial e Caxias corre a socorrê-las com suas forças de

cavalaria o que vai deixando-as em péssimo estado. Ao contrário os farrapos quando perseguidos refugiavam-se no Uruguai ou na Argentina e sob a proteção dos governos ou simpatizantes destes países, de lá repassavam a fronteira por outro lugar, depois de descansados e trazendo novamente bons cavalos, essenciais para aquele tipo de combate. (HARTMANN, 2002, p.70).

Nesse contexto aconteceu, em plena madrugada do dia 14 de novembro de 1844, o Massacre de Porongos, no qual os chamados Lanceiros Negros, negros livres ou libertos que prestavam relevantes serviços para a República Riograndense, foram atacados de surpresa pelas tropas imperiais. O combate dispersou a principal força rebelde e manifestou a extinção da revolução farroupilha, a partir desse momento seguiu-se, mais arduamente, o desejo das tratativas para a paz honrosa. (CARRION, 2014, p.26).

Figura 4: Lanceiro Negro



Fonte: CARRION (2014)

Caxias sabia que as tratativas da Corte Imperial para o desfecho do conflito não eram favoráveis aos rebeldes, e, sabendo disso, os revolucionários não chegavam a um entendimento. Porém, tal quadro modificou-se devido a situação dos países fronteiriços. (HARTMANN, 2002, p.70).

Enquanto isso a Argentina de Rosas e o Uruguai de Rivera, aos quais interessavam o Rio Grande independente, favoreciam os republicanos e forneciam meios para estes continuarem lutando. Foi quando Rosas informou aos farrapos que estava pronto para mandar efetivos militares auxiliarem-nos bastando ser solicitado para tal. Esta proposta os republicanos levaram a Caxias que se assustou com os desdobramentos que poderia ter se estes homens que ele não conseguia derrotar, recebessem agora apoio externo de uma poderosa nação inimiga e mais das forças uruguaias capazes de atacá-lo pelos flancos. Mudou então sua opinião sobre a forma de alcançar-se a paz e enviou a proposta republicana para a Corte. (HARTMANN, 2002, p.71).

O envio da nova tratativa, pelo Império, agradou os republicanos, e, em 1845, os termos do tratado de paz foram acertados. Caxias determinou que as tropas farroupilhas reunissem em Poncho Verde, para entrega das armas e dos negros libertos, firmando assim a anistia. (FLORES, 2014, p.104).

Caxias continuou a fustigar as tropas rebeldes fora do local determinado. Os termos do acordo de paz permaneceram em caráter particular. Em 1º de Março de 1845, Caxias declarou a província pacificada. Não houve assinatura de tratados, pois o Império não reconheceu a República Riograndense como um país independente e sim como uma província rebelde. Dessa forma, não houve tratado de paz, apenas foi concedido anistia aos rebeldes. (FLORES, 2014, p.105).

Somente em 1881, Tristão de Alencar Araripe publicou as condições pactuadas entre Caxias e Canabarro:

- 1º Anistia geral e plena para todas as pessoas envolvidas na rebelião;
- 2º Isenção de serviço militar e da Guarda Nacional para todos os indivíduos que tinham servido no Exército da rebelião;
- 3º Gozarem os chefes rebeldes das honras dos seus postos;
- 4º Pertencerem os escravos, que serviam como soldados da república, ao Estado, que os indenizaria aos seus antigos donos. (FLORES, 2014, p.105).

Os líderes da revolução receberam indenizações pelos danos pessoais causados e a maioria das tratativas foram atendidas, encerrando uma das mais importantes guerras civis da História do Brasil. (FLORES, 2014, p.106).



### **3 REFERÊNCIAL METODOLÓGICO**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica-documental, com a qual houve um levantamento dos dados para posterior análise e discussão, de modo que se priorizou a diversidade de opiniões para que o trabalho aborde com mais veracidade os fatos do conflito estudado. A pesquisa foi feita com base em artigos, resumos, livros e dados eletrônicos.

#### **3.2 MÉTODOS**

O método utilizado foi o hipotético-dedutivo. Ao tratar-se de fatos que já são retratados pelas fontes históricas, cabe ao conteúdo do trabalho explicar, a partir da regra geral, particularidades e peculiaridades da Guerra.

A pesquisa iniciou-se através de uma seleção de diversos autores para a utilização no Referencial Teórico e essa seleção obedeceu alguns pontos importantes: a delimitação da obra no tempo, o conteúdo abordado quanto as estratégias militares e a veracidade dos fatos, sem inclinação política. Tal ato fez com que fossem selecionados apenas os autores compatíveis para o desenvolvimento da pesquisa. Após, foi feita uma compilação de dados e informações que norteavam cada assunto, de modo que servisse como base para responder a problematização da pesquisa, assim como seus objetivos gerais e específicos.

O estudo do faseamento do conflito foi concebido pelo Coronel Claudio Moreira Bento, tal historiador apresenta uma grande quantidade de estudos sobre o tema, além de ser formado em Ciências Militares, o que agrega para uma delimitação de tempo e espaço associado a alguma contribuição militar marcante. Cada fase representa um sistema de mudanças importantes para a evolução da Doutrina Militar Terrestre, cada ensinamento deixado, abordando erros e acertos, foi analisado de modo que seja levado em consideração para aplicações futuras. Ademais, cada fase foi contemplada com o enriquecimento textual de outros autores, também reconhecidos, de modo a dar consistência ao desenvolvimento do objeto de estudo.

Os resultados e a discussão englobam conclusões parciais de cada objetivo específico, o qual consubstancia embasamento para a problematização da pesquisa. Essa parte necessitou apresentar, de maneira clara e coesa, os ensinamentos colhidos de todo o desenvolvimento teórico, justificando a pesquisa.

Enfim, nas considerações finais o conteúdo foi canalizado para responder a problematização da pesquisa, nortado pelo objetivo geral.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Rio Grande do Sul era caracterizado por ser uma província isolada, com transporte e comunicações precários. Entretanto, sempre teve que lutar para a manutenção das fronteiras de suas terras, como contra os espanhóis e uruguaios. Uma das peculiaridades daqueles que habitavam nesse recanto do Brasil era a necessidade de uma identidade, com a qual se identificassem, para a luta de preservação de suas terras e seus lares.

A maioria dos conflitos inseridos em contextos revolucionários tendem a serem pré-julgados pela essência separatista, por apresentarem ideologias que vão contra a estruturação pragmática apresentada na época. A Revolução Farroupilha sofre esse julgamento, até mesmo dentro da sociedade brasileira atual. Isto é, há certo receio quanto ao sul do país por apresentar cultura e tradições mais contundentes, resultado da identidade gaúcha mantida por aqueles que lutaram em busca de seus ideais.

No entanto, a essência do conflito não abrange cunho separatista. Isso é claramente evidenciado ao longo do movimento em diversos aspectos, principalmente pela chamada dos líderes aos brasileiros para se juntarem à Revolução, contra o Governo Imperial. A luta tinha um caráter essencialmente antimonárquico e republicano, com a proposta de o Brasil ser um país constituído por um sistema federativo, baseado nos preceitos liberais, em que cada Estado tem poder singular centralizado em um Governo Central.

O futuro da Nação, segundo os Farrapos, seria estruturado por um conjunto de províncias brasileiras, onde se promovesse a igualdade entre todos os recantos do país. Essa concepção originava-se da forte centralização do absolutismo monárquico que negligenciava o sul do país, provocando prejuízos para a economia regional e propiciando conflitos políticos. Esse clima de tensão causado pelo Governo Imperial desagradava principalmente os grandes estancieiros, ou seja, a classe oligárquica da época. Apesar de ter sido um movimento liberal, não se pode afirmar que a Revolução foi conduzida pela classe mais baixa. Pelo contrário, a Revolução só tomou grandes proporções por apresentar, devido aos seus líderes, uma grande quantidade de dinheiro e materiais para fazer frente ao Império.

Logo, cabe concluir parcialmente que a Revolução Farroupilha foi um movimento de caráter republicano com o intuito de implantar um sistema Federalista, conduzido pela classe oligárquica da época. Nesse sentido, não pode ser considerado separatista, visto que não queria a separação do Brasil, mas sim o fim do sistema monárquico que tanto prejudicava os habitantes das terras sulinas.

A revolução pode ser dividida em diversas fases, sendo que cada uma delas apresenta características peculiares que deixaram contribuições para a doutrina militar terrestre. Na primeira fase, nota-se uma reação popular para a retirada do presidente da província, devido à má administração e o descaso para com a população em geral. A influência das ideias republicanas se confirma, passando a propor-se a proclamação da República Riograndense. O ensinamento militar que essa fase carrega traduz-se no plano de Bento Gonçalves, objetivando a conquista de localidades importantes, como Porto Alegre, Pelotas e Rio Pardo.

A conquista dessas localidades, sobretudo pelos seus portos marítimos, torna-se um alvo estratégico significativo, visto que o controle de tais regiões proporcionou ao exército farrapo uma vantagem temporária quanto à canalização de suprimentos e tropas. Essa fase ficou caracterizada pelo controle político e militar às tropas farrapas em relação ao Governo Imperial.

Na segunda fase, com a evolução dos acontecimentos, ocorreu um erro do presidente nomeado, já que a garantia do indulto aos rebeldes poderia ter amenizado o conflito, contudo, como não ocorreu, provocou a desconfiança dos revoltosos e prolongou ainda mais a luta. Tratando-se de aspectos militares, verifica-se que ambas as partes conflitantes denotam a importância do controle de acessos marítimos e fluviais. Dessa forma, após a conquista do Império sobre essas vias, ocorreu uma superioridade momentânea que possibilitou a reviravolta da Revolução.

A manobra executada por Bento Manuel Ribeiro que combinou esforços marítimos e terrestres, na batalha da Ilha de Fanfa, logrou êxito ao capturar o chefe farroupilha Bento Gonçalves, impedindo-o de progredir rumo à campanha, deixando as tropas rebeldes enfraquecidas. Logo, conclui-se parcialmente que o período é caracterizado pela proclamação da República Riograndense e sua posterior imigração para o Uruguai com as tropas restantes, após a prisão do chefe farroupilha.

A terceira fase, dando seguimento, é caracterizada por ser o momento áureo da Revolução, onde os rebeldes atingiram seu ponto de soberania e conseguiram impor medo no Governo Imperial de uma forma mais contundente.

Esse período aborda um conjunto de operações importantes para o desenrolar do conflito, bem como interessantes para a evolução da Arte da Guerra. Primeiramente, o sítio efetuado pelos rebeldes na cidade de Porto Alegre fez com que as tropas do Império ali presentes ficassem sem oportunidade de reação devido ao impedimento da passagem de tropas, alimentos e materiais, tudo isso vindo do porto de Rio Grande, mais uma vez ressaltando a importância do controle de vias e acessos marítimo-fluviais. Além do cerco e do

enfraquecimento do Exército Imperial, o sítio tinha o objetivo simbólico da conquista da capital, tornando o movimento mais abrangente.

Por conseguinte, houve a tentativa de expandir o âmbito da revolução para Santa Catarina (República Juliana): os rebeldes procuravam um porto de mar com o intuito de reforçar seu poderio naval e fazer frente às frotas imperiais. Nesse sentido, um episódio importante dessa fase foi a travessia dos lanchões, os quais foram transportados por terra, por Garibaldi, tendo em vista os portos gaúchos estarem de posse dos imperiais. Isso ocorreu porque os Farrroupilhas precisavam ter acesso ao mar, e foi realizado, então, o deslocamento das embarcações sobre rodas até serem lançadas ao mar em local não controlado pelas forças do Império, seguindo daí para a conquista de Laguna. A outra parcela da tropa farroupilha seguiu por terra. Nesse âmbito, observa-se a criatividade e a coragem das tropas rebeldes em busca do cumprimento de um objetivo importante para a Revolução.

Nota-se que as tropas farrapas conseguiam desempenhar as atividades navais de forma eficiente mesmo com a decadência de seus materiais. Sabendo disso, o Exército Imperial adotou a segurança das tropas terrestres por meio marítimo, inibindo assim a atuação da enfraquecida frota rebelde.

Nesse momento, nota-se a aplicação da Teoria do Poder Marítimo de Mahan, a qual afirma que o controle do poder naval, em conjunto com a grande marinha mercante, ratifica a soberania do Estado. As ideias de Mahan foram importantes para o cenário de consolidação do conhecimento devido à importância que deu ao poder naval para as vitórias dos conflitos. (VIOLANTE, 2015, p. 256). A busca tanto do Império quanto dos rebeldes por portos navais exemplifica tal teoria, o que demonstra que o poderio naval era um fator decisivo, na época, para as vitórias nas batalhas, pois abordava não só o transporte e segurança de tropas terrestres, como também o transporte de material bélico e produtos necessários para a manutenção no combate. Então, a conquista marítima da região entre Porto Alegre e Rio Grande foi vantajosa para os exércitos imperiais, visto que assegurou a conquista dessas regiões.

Por outro lado, é importante salientar que o combate terrestre vinha favorecendo aos farrapos pelo conhecimento superior que tinham do terreno e pela sua capacidade de flexibilizar e manobrar rapidamente suas tropas, atividade que ainda era muito estática para o Exército Imperial. Esse cenário, associado à falta de ação de comando e coesão dos líderes do Império, garantiu vantagens e, conseqüentemente, a vitória temporária para os rebeldes.

A quarta fase sinaliza o declínio da revolução. Os rebeldes, com o enfraquecimento de seu poder bélico, começaram a perder território e a se fixar cada vez mais no interior do

pampa gaúcho. A reação imperial ao bloqueio de Porto Alegre inicia-se através de um bom planejamento de apoio logístico, o qual objetivava o apoio às forças cercadas no interior da cidade. A impossibilidade de impedir esse apoio, e a necessidade de empregar suas tropas em outros locais, levou o comando Farroupilha a levantar o cerco à capital gaúcha.

Tratando-se dos aspectos militares, observa-se novamente que o conhecimento do terreno por parte dos revolucionários garante uma vantagem tática no combate terrestre. A estratégia de guerra de guerrilhas utilizada pelos rebeldes fazia com que o Império, apesar da superioridade numérica, ficasse retido, sem grandes chances de ataque. O correto emprego dos Princípios de Guerra, como a Surpresa, possibilitou diversos ataques e consequentes baixas para a tropa Imperial. Dessa maneira, viu-se a necessidade do estudo prévio do terreno e das condições climáticas por parte do Império, para evitar fustigações e ter uma eficácia maior em combate.

Ao final, nota-se que o Governo Imperial deveria ter entregue o comando da Força Terrestre e Naval aos homens capacitados administrativamente e estrategicamente para tal situação. Ademais, seria necessária a análise da guerra para evitar maiores desgastes, visto que já haviam se passado quase dez anos. É nesse âmbito que toma forças Duque de Caxias, como uma alternativa para finalizar e pacificar esse longo combate.

A quinta e última fase refere-se à atuação de Caxias e sua estratégia para conseguir um acordo de paz com os rebeldes. Luís Alves de Lima e Silva foi escolhido dentre os militares renomados do Império por apresentar um histórico de pacificações em outras revoltas brasileiras, além de ser um exímio conhecedor da Arte da Guerra e um estrategista nato. O quadro estratégico-operacional com o qual Caxias se deparou foi bastante favorável, principalmente em relação a recursos bélicos e humanos. Sua estratégia consistia em práticas que agradassem a população, retirando o caráter cruel do conflito e tentando pacificar uma luta dispendiosa para o Governo.

Cabe aqui, fazer uma comparação entre as Linhas de Ação adotadas por Duque de Caxias e o General João Paulo dos Santos Barreto, antecessor de Caxias no comando das forças do Império. O General estava preocupado em explorar a superioridade numérica de seu Exército procurando sempre o combate frontal e final. Dessa maneira, suas tropas adentravam no interior dos pampas buscando as tropas rebeldes sem um planejamento prévio e coordenado. Também não se observava aspectos logísticos, o que dificultava a manutenção da tropa em combate, fazendo com que, na maioria das vezes, ocorresse um retraimento, retardando a ação. Além disso, Barreto não levava em consideração a Guerra de Guerrilha

utilizada pelos farrapos, sendo assim, não procurava encontrar soluções nas batalhas para tentar frear os ataques fustigantes dos rebeldes.

Por outro lado, Caxias, através do seu vasto conhecimento estratégico, associou corretamente o adestramento logístico necessário às batalhas em conjunto com o setor bélico. Inibiu a Guerra de Guerrilhas dos Farrapos restringindo o território de atuação, assim como dificultando o acesso aos cavalos – fator que fez com que a grande mobilidade dos ataques rebeldes ficasse inoperante. Fazendo frente a essa característica das tropas rebeldes, Caxias utilizou a infantaria montada, objetivando ataques mais rápidos. Além disso, a mobilidade era um aspecto essencial nas batalhas travadas no sul do país e passou a decidir os combates ao decorrer dos entraves.

Nota-se que Caxias soube, ao decorrer dos combates, redistribuir tropas e focar nos pontos mais suscetíveis a derrota. Os rebeldes sempre fugiam do combate decisivo, procuravam ataques rápidos e facilmente despistáveis. A todo o momento os Farrapos eram forçados a exercer a grande capacidade de desdobramento de suas tropas, devido ao vasto conhecimento que possuíam do terreno. Conclui-se parcialmente, então, que a Linha de Ação adotada por Caxias proporcionou resultados mais expressivos para o Império.

Ao longo da batalha, Caxias também omitiu alguns dados para a população, objetivando não espalhar medo e fazer com que a imagem da tropa Imperial se mantivesse superior. De maneira atemporal, tal tática é utilizada nos combates modernos com frequência, haja vista que no Exército Brasileiro é característica do 1º Batalhão de Operações Psicológicas (1º BTI Op Psc) estudar e aperfeiçoar a doutrina quanto a esse assunto. Essa comparação demonstra o quão sábia foi a atuação de Caxias referente a seu modo de conduzir as batalhas.

Caxias possuía essa visão e empregou as Op Psico de modo planejado e intencional, em apoio às operações militares, favorecendo sua ação de comando e contribuindo para a pacificação nacional (...). Na Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, seu apelo ao sentimento pátrio fez superar os ideais federalistas, republicanos ou separatistas, promovendo a união de todos os contendores. (BRASIL, 1999, p. 1-1).

O ponto de inflexão da fase foi o combate realizado na região de Porongos - após o conflito as tropas republicanas não tinham mais nenhuma possibilidade de reação. Caxias, então, tomou atitudes que denotam a sua preocupação com os brasileiros que ali existiam, sem direcionar um ataque fulminante em decorrência do inimigo enfraquecido, conduziu o início do processo de paz. Tal processo passou por momentos de desentendimentos, mas Caxias sempre procurou atender as solicitações dos rebeldes, pois julgava pertinentes, necessárias e justas tais reivindicações.

Caxias conduziu o processo para a assinatura do acordo de paz de forma pacífica e flexível, porque sabia que essas tropas poderiam ser reutilizadas em batalhas futuras, na defesa da soberania nacional. Caxias sabia, experiente estrategista que era, que precisaria do apoio dos gaúchos, não só pela posição relativa do estado do Rio Grande do Sul, mas também pela coragem e experiência em combate daquele povo. Nesse contexto, cabe salientar que os líderes Farroupilhas não aceitaram ajuda externa oferecida por países vizinhos, mantendo a candura de antes de serem gaúchos, serem brasileiros. Dessa maneira, Duque aceita uma série de reivindicações indicadas pelos farrapos, o que gerou grande admiração e respeito, por parte da população riograndense, ao chefe militar do Império. É importante frisar que Caxias colocou como condição para a paz, a não separação do Rio Grande do Sul do Império do Brasil.

Enfim, o acordo de paz ocorreu em Poncho Verde e marcou o final de uma longa e sangrenta guerra. O tratado é chamado de Paz Honrosa, pois além de sancionar a libertação dos líderes presos e a anistia geral e imediata, também possibilitou aos Oficiais do Exército Farroupilha a incorporação aos quadros do Exército Imperial.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do Exército Brasileiro não se deu do dia para a noite – não houve uma data nem situação específica. Pelo contrário, a construção da brasilidade e de uma força armada terrestre que garantisse o patriotismo se deu ao longo de toda a história colonial, imperial e republicana do Brasil.

Entre as inúmeras revoltas empreendidas em solo brasileiro, a Revolução Farroupilha, ocorrida no estado do Rio Grande do Sul, foi de imensa importância para o desenvolvimento do Exército Nacional. O sul do país historicamente foi palco de diversos conflitos, principalmente devido a sua posição geográfica, estratégica tanto para os portugueses quanto para os espanhóis. Nesse sentido, o território riograndense foi alvo de diferentes tratados e acordos durante o período imperial, fator que resultou em desgosto da população ali residente, visto que se sentiam a parte dos direitos e deveres dos cidadãos brasileiros: viam-se excluídos territorialmente, socialmente e economicamente. Tal cenário foi premissa para a Revolta dos Farrapos ou Revolução Farroupilha, ocorrida entre 20 de setembro de 1835 e 01 de março de 1845, cujo objetivo principal era a implantação de um sistema liberal baseado em tendências federalistas, a fim de que fosse possível seguir uma harmonia coerente entre os estados, diferentemente da que havia na época. O conflito perdurou por dez longos anos, classificando-se como a revolta imperial mais extensa, além de ter sido dividido em várias fases.

A Revolta dos Farrapos é retratada por alguns historiadores como um movimento separatista e, por outros, como um movimento libertário do povo riograndense. A busca do real ideário do conflito perpassou todos os caminhos dessa pesquisa, sendo, enfim, possível afirmar que o seu caráter era liberal, influenciado pelas repúblicas de Bolívar e San Martín, importantes revolucionários da América Latina. Sob essa perspectiva, o conflito riograndense tinha características singulares, devido principalmente à particularidade do povo gaúcho: estavam em constante contato com conflitos, saqueadores e batalhas, ou seja, os gaúchos deveriam estar sempre de prontidão caso suas terras, produtos ou família fossem ameaçados. Dessa forma, os imperiais não estavam preparados para enfrentar um adversário adaptado ao terreno e às condições climáticas da região gaúcha, e os comandantes legalistas que antecederam Duque de Caxias tentaram conduzir uma guerra estática contra os farroupilhas, verdadeiro erro, visto que o exército imperial se consumiu em busca de uma batalha decisiva e não a encontrou. Somente sob o comando de Duque de Caxias é que a paz foi alcançada. Seu sucesso na pacificação da província gaúcha deveu-se, em muito, ao entendimento da mobilidade para o farroupilha. O futuro patrono do Exército Brasileiro estudou e

compreendeu a estratégia e a logística do grupo adversário, utilizando a inteligência antecedida da força, fator fundamental para conseguir atacar os rebeldes assertivamente, de maneira a combatê-los.

Paralelo a isso, ficou claro que as estratégias de combate utilizadas ao longo dessa revolta foram de suma relevância para a história do Exército Nacional. Tendo que enfrentar um adversário apto às condições de vida no Rio Grande do Sul, os combatentes imperiais se viram obrigados a, primeiramente, explorar as táticas do inimigo. Os farroupilhas possuíam uma grande quantidade de cavalos e excelentes cavaleiros, o que lhes proporcionava ataques com agilidade e surpresa; o Império, em contrapartida, possuía superioridade naval, condição crucial numa batalha, dada a importância de se controlar uma saída para o mar e ter-se livre navegação marítima e fluvial. Essa situação obrigou os farrapos a buscar um local passível de abrigar um porto marítimo fora da província - já que todos os portos internos estavam sob poder do Império. Foi então que os rebeldes protagonizaram um dos mais surpreendentes episódios da revolução: transportaram dois lanchões via terrestre, adaptados em grandes rodas de madeira, até conseguirem lançá-los ao mar, em local inesperado aos imperiais. Essa nova tecnologia, protagonizada no episódio da conquista de Laguna, demonstrou que um barco, utilizado para deslocamentos aquáticos, podia também se deslocar por terra – evidência incorporada pelo Exército Brasileiro em sua Arte da Guerra.

Outra experiência bastante significativa dessa revolta foi o desenvolvimento da importância ao aspecto logístico nas batalhas. Em todas as fases do conflito houve momentos que a determinação da vitória parcial foi causada pela estruturação de uma logística que cumprisse o papel de manutenção da tropa em combate. As tropas farroupilhas apresentaram inicialmente, uma logística mais rústica, porém, que cumpria seus objetivos. Por outro lado, as tropas imperiais, trataram tal assunto de uma forma essencial apenas após a ascensão de Duque de Caxias. Dessa maneira, nota-se a evolução da logística de combate em virtude do desenrolar do conflito culminando para ser um fator crucial para o sucesso.

Responsável pela pacificação do conflito, Duque de Caxias deixou um valioso legado. Já conhecido pela conclusão de revoltas anteriores, devido suas qualidades de iniciativa, comando, inteligência e bravura, Caxias inspecionou as tropas farrapas e descobriu que os rebeldes, enfraquecidos, haviam sido forçados a recorrer às táticas de guerrilha. A contribuição de suas ações foi imensa para a evolução das táticas militares do Exército Brasileiro. Caxias demonstrava talentos militares, organizacionais e políticos essenciais para o que é chamado de contra insurgência. Analisadas as pesquisas, pôde ser concluído que, diferentemente dos outros comandantes imperiais – como o general João Paulo dos Santos

Barreto, que fracassou ao conduzir sua tropa ao desgaste em uma guerra de guerrilhas – o comandante Caxias, mesmo combatendo contra os farrapos, soube reconhecer suas qualidades e valorá-los, fator fundamental para que os farroupilhas se identificassem com as ideias do Duque e comesçassem a ponderar uma trégua. Esse, portanto, foi mais um dos grandes ensinamentos de Duque de Caxias como comandante imperial na revolta dos Farrapos: soube utilizar a comunicação e a empatia a favor de seu objetivo.

Com os dois lados já bastante desgastados, em 1844 os líderes do Império e dos Farroupilhas começaram a buscar as condições para alcançar a paz. O farroupilha Bento Gonçalves exigia tanto a imposição de um sistema de federação quanto à liberdade para os escravos que lutaram nas tropas farrapas; entretanto, Caxias sabia da impossibilidade desse acordo ocorrer. Todavia, o quadro modificou-se quando as tropas farroupilhas prometeram receber apoio dos exércitos externos (Argentina e Uruguai): Caxias, dotado de inteligência, não poderia permitir a união de brasileiros com internacionais para lutar contra outros brasileiros – o Brasil estaria comprometido com uma fragmentação social entre as províncias para sempre. Foi então que o comandante imperial aceitou diversas reivindicações farroupilhas para a assinatura do acordo de paz, proporcionando aos republicanos uma paz honrosa, em que não se identificava vencedores nem vencidos.

A paz honrosa mencionada, conhecida também como Tratado de Poncho Verde, além de afirmar algumas reivindicações rebeldes, também pregava a não separação do Rio Grande do Sul do Império do Brasil, alínea reivindicada fortemente por Caxias. Além disso, vale salientar que os líderes farroupilhas não aceitaram ajuda externa oferecida por países vizinhos. Devido a essa conjuntura, Caxias sabia que não poderia deixar ressentimentos no povo gaúcho contra o Império, pois isso seria desastroso em conflitos externos que já se avizinhavam. Cabe aqui, ressaltar o impacto geopolítico do conflito, através da preocupação com possíveis conflitos contra países vizinhos.

A posição flexível do líder imperial foi de extremo valor para a pacificação, visto que se ele atuasse de maneira contrária, humilhante e cruel, teria deixado uma ferida aberta no peito dos farrapos, dificultando a futura integração deles com o restante do país. Sob essa perspectiva, destaca-se a importância de Caxias como pacificador, e não apenas como chefe militar. Enfim, em 1845, os termos do tratado de paz foram acertados. Caxias determinou que as tropas farroupilhas se reunissem em Poncho Verde, para entrega das armas e dos negros libertos, firmando assim a anistia. Terminou dessa forma a Revolta dos Farrapos, que, por um lado, significou a consolidação do Rio Grande do Sul como força política dentro do país e,

por outro, ratificou a superioridade militar do Império do Brasil, que soube usar as estratégias dos rebeldes a seu favor a fim de evitar um confronto ainda maior.

Através dos estudos enfáticos dessa pesquisa, pode-se confirmar que a Revolução Farroupilha foi de suma importância para a história do país, pois portou aspectos altamente positivos para o Exército Brasileiro quanto à estruturação da logística no combate, aplicação de táticas e estratégias contra insurgência e quanto à essência libertária republicana do conflito. Além disso, é notória e significativa a influência da pessoa Duque de Caxias como comandante imperial diferenciado e pacificador desse conflito. Ele não só findou a revolta, como também soube reconhecer o valor do gaúcho, lembrando-lhes que a Pátria precisaria deles para enfrentar inimigos externos. Soube, por conseguinte, empregar muito bem a capacidade riograndense de luta nas guerras que se seguiram contra Oribe e Rosas e na Guerra do Paraguai. Dito isso, fica claro o porquê de Luís Alves de Lima e Silva (o Duque de Caxias) ter recebido, merecidamente, o título de Patrono do Exército Brasileiro, não só por sua atuação no conflito contra os Farrapos, mas por toda sua contribuição para a História Militar Brasileira: trouxe à tona o sentimento de brasilidade, além de contribuir fortemente - com sua liderança e habilidades diferenciadas - para a evolução brasileira da Arte da Guerra.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **História Militar do Brasil**. Resende: Editora Acadêmica, 1979.

BENTO, C. M. **Caxias e a Unidade Nacional**. Porto Alegre: Genesis, 2003.

BENTO, C. M. **O Exército Farrapo e os seus chefes: Volume I**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992.

BENTO, C. M. **O Exército Farrapo e os seus chefes: Volume II**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **C 45-4 – OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS**. 3ª Ed. Brasília: EGGCF, 1999. *E-book*. Disponível em: <http://https://pt.slideshare.net/DanielFXA/manual-de-campanha-operaes-psicolgicas-c-454>  
Acesso em: 21 mar. 2020.

CARRION, R. **Revolução Farroupilha: A mais longa revolta republicana enfrentada pelo Império centralizador e escravocrata**. 6. ed. Porto Alegre: Gabinete do Deputado Raul Carrion, 2014. *E-book*. Disponível em: [http://raulcarrion.com.br/publicacoes/caderno\\_rev\\_farroupilha.pdf](http://raulcarrion.com.br/publicacoes/caderno_rev_farroupilha.pdf).  
Acesso em: 5 set. 2019.

FLORES, M. **Guerra Civil dos Farrapos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

HARTMANN, I. **Aspectos da Guerra dos Farrapos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2002. *E-book*. Disponível em: <http://poavive.files.wordpress.com/2010/09/aspectos-da-guerra-dos-farrapos.pdf>.  
Acesso em: 5 set. 2019.

JACQUES, P. **A Guerra dos Farrapos**. Rio de Janeiro: Reper, 1980.

VIOLANTE, A. R. **A teoria do poder marítimo de Mahan: uma análise crítica à luz de autores contemporâneos**. Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 223 – 260, jan./jun. 2015. *E-book*. Disponível em: [https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/download/182/144](http://https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/download/182/144).  
Acesso em: 21 mar. 2020.